



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – INGLÊS**

**ASSÍRIA MARIA RODRIGUES GUIMARÃES**

**NARRATIVAS DE NEURODIVERGÊNCIA: A DESCONSTRUÇÃO DE  
ESTEREÓTIPOS DO AUTISMO NA MÍDIA ATRAVÉS DE QUINNI, EM  
*HEARTBREAK HIGH***

**CAMPINA GRANDE  
2025**

ASSÍRIA MARIA RODRIGUES GUIMARÃES

**NARRATIVAS DE NEURODIVERGÊNCIA: A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DO AUTISMO NA MÍDIA ATRAVÉS DE QUINNI, EM *HEARTBREAK HIGH***

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura plena em Letras – Inglês.

**Área de concentração:** Literatura audiovisual e Neurodiversidade.

**Orientador:** Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

**CAMPINA GRANDE  
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G963n Guimarães, Assíria Maria Rodrigues.  
Narrativa de neurodivergência [manuscrito] : a desconstrução de estereótipos do autismo na mídia através de Quinni, em *Heartbreak High*. / Assíria Maria Rodrigues Guimarães. - 2025.  
53 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - FALLA".

1. Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2. Representação midiática. 3. Estereótipos. 4. Desconstrução. 5. Análise de conteúdo. I. Título

21. ed. CDD 791.45

ASSIRIA MARIA RODRIGUES GUIMARAES

NARRATIVAS DE NEURODIVERGÊNCIA: A DESCONSTRUÇÃO DE  
ESTEREÓTIPOS DO AUTISMO NA MÍDIA ATRAVÉS DE QUINNI, EM  
HEARTBREAK HIGH

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso  
de Letras Inglês da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras

Aprovada em: 12/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Thiago Rodrigo de Almeida Cunha** (\*\*\*.579.534.\*\*), em **19/06/2025 12:04:10** com chave **a776e99a4d1e11f0b7b01a7cc27eb1f9**.
- **Karyne Soares Duarte Silveira** (\*\*\*.462.474.\*\*), em **19/06/2025 11:52:58** com chave **1734c2044d1d11f093991a1c3150b54b**.
- **Rivaldo Ferreira da Silva** (\*\*\*.147.274.\*\*), em **20/06/2025 12:34:24** com chave **0b8ad6a84dec11f086c506adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 20/06/2025

**Código de Autenticação:** 839e86



*Dores me atravessaram neste percurso. Sobrevivi. Dedico a todos os neurodivergentes, especialmente àqueles que se sentem invisibilizados e desacreditados. Dedico a todos que são meu suporte diário para que eu possa ser e existir de forma mais leve e integrada. A mim, dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente aos meus pais, Simone Rodrigues e Almir Guimarães, que sempre estiveram presentes para me oferecer amor, apoio e incentivo em cada etapa dessa trajetória. Minha mãe, em especial, foi e é meu maior porto seguro, suporte para todas as minhas necessidades e acolhimento constante. Aos meus irmãos, Melissa Rodrigues e Enzo Rodrigues, pela companhia, carinho, risadas e por acreditarem em mim.

Ao meu noivo, Fábio Alexandrino, agradeço pelo carinho, paciência, amor, compreensão e por todos os momentos em que precisei de conforto e você me ajudou a superar as dificuldades que enfrentei ao longo dessa caminhada. Sem você, tudo teria sido muito mais desafiador.

Agradeço à minha amiga Dhuly Beatriz, por sua amizade sincera, palavras que me motivaram a chegar até aqui e pela escuta atenta nos momentos mais difíceis. Sua amizade foi fundamental para que eu conseguisse chegar a esta reta final, e fico muito feliz que nossa amizade tenha ultrapassado a vida universitária.

Sou grata ao meu orientador, Thiago Almeida, pela dedicação, pelas orientações e confiança em mim e no meu trabalho. Suas orientações foram essenciais para a realização deste trabalho e para meu crescimento acadêmico.

Agradeço ao professor Rivaldo Ferreira e Karyne Soares, que compuseram a banca avaliadora, por aceitarem participar deste momento tão importante. Suas sugestões, contribuições e leituras cuidadosas foram essenciais para o aprimoramento deste trabalho e enriqueceram ainda mais minha formação acadêmica e crescimento pessoal.

## RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022), contribui para a desconstrução de estereótipos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na mídia, com base em descrições acadêmicas e clínicas do espectro. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório abordado por Lösch et al. (2023), com base na análise de conteúdo descrita por Santos (2012). A fundamentação teórica tem como base principal autores científicos como Murray (2008), Ortega (2008), Mittmann et al. (2023), Hungerford et al. (2025), Soares e Brito (2024), Lai et al. (2015), Freire e Cardoso (2022), Sá (2023), Happé e Frith (2006), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 e DSM-5-TR (APA, 2014; APA, 2022), entre outros. Além de referências sobre outras representações midiáticas no autismo. A análise foi realizada a partir de cenas selecionadas de três episódios da primeira temporada e um episódio da segunda, de forma estratégica para abordar elementos visuais e narrativos que evidenciam características clínicas do TEA, como dificuldades de interação social, hipersensibilidade sensorial, rigidez cognitiva e hiperfoco. Por Quinni ser mulher, autista e interpretada por uma atriz autista, a personagem traz consigo uma representação mais fiel da maioria das pessoas no espectro, especialmente mulheres, que foram historicamente invisibilizadas nos estudos e nas narrativas audiovisuais. Como resultado da pesquisa, observou-se que a personagem Quinni, da série *Heartbreak High*, representa uma ruptura significativa nos estereótipos clássicos de autismo frequentemente reproduzidos pela mídia. Sua construção narrativa evidencia uma representação mais autêntica e humanizada, que dialoga com critérios clínicos do TEA e com características específicas do autismo feminino, como o mascaramento. Ao ser comparada a personagens masculinos como Sam Gardner (*Atypical*, 2017) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017), Quinni contribui para trazer visibilidade a outras vivências dentro do espectro e desconstruir o apagamento histórico de mulheres autistas nas representações audiovisuais.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Representação midiática; Estereótipos; Desconstrução; Análise de conteúdo.

## ABSTRACT

The general objective of this study is to analyze how the character Quinni, from *Heartbreak High* (2022), contributes to the deconstruction of stereotypes about the Autism Spectrum Disorder (ASD) in the media, based on academic and clinical descriptions of the spectrum. The research uses a qualitative and exploratory approach as addressed by Lösch et al. (2023), based on content analysis described by Santos (2012). The theoretical foundation is is mainly based on scientific authors such as Murray (2008), Ortega (2008), Mittmann et al. (2023), Hungerford et al. (2025), Soares e Brito (2024), Lai et al. (2015), Freire e Cardoso (2022), Sá (2023), Happé e Frith (2006), the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5 and DSM-5-TR (APA, 2014; APA, 2022), among others. In addition to references on cultural representations and neurodiversity. The analysis was conducted using selected scenes from three episodes of the first season and one episode of the second season, strategically chosen to address visual and narrative elements that highlight clinical characteristics of ASD, such as difficulties in social interaction, sensory hypersensitivity, cognitive rigidity, and hyperfocus. Quinni is a woman, autistic, and played by an autistic actress, for this reason, the character brings with her a more accurate representation of most people on the spectrum, especially women, who have historically been invisible in studies and audiovisual narratives. As a result of the research, it was observed that the character Quinni, from *Heartbreak High*, represents a significant break from the classic stereotypes of autism often reproduced by the media. Her narrative construction highlights a more authentic and humanized representation, which dialogues with clinical criteria for ASD and with specific characteristics of female autism, such as masking. When compared to male characters such as Sam Gardner (*Atypical*, 2017) and Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017), Quinni contributes to bringing visibility to other experiences within the spectrum and deconstructing the historical erasure of autistic women in audiovisual representations.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder (ASD); Media representation; Stereotypes; Deconstruction; Content analysis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dificuldade de Quinni em perceber hostilidade social	24
Figura 2 - Dificuldade em reconhecer expressões faciais	25
Figura 3 - Darren interrompe Quinni	26
Figura 4 - Cena da “sessão do grito”	27
Figura 5 - Rotina de Quinni	28
Figura 6 - Hiperfoco de Quinni	30
Figura 7 - Momento em que Quinni revela ser autista	31
Figura 8 - Sobrecarga sensorial	32
Figura 9 - Sasha não acredita que Quinni é autista	33
Figura 10 - Sam Gardner	37
Figura 11 - Shaun Murphy	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Conheça “<i>Heartbreak High</i>”, a série adolescente da Netflix que tem representatividade autista</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Representando a cultura do autismo: definições clínicas, narrativa e fascínio</b>	<b>14</b>
<b>2.3 Representações midiáticas do autismo: recepção e críticas às séries <i>Atypical</i> (2017) e <i>The Good Doctor</i> (2017)</b>	<b>17</b>
<b>2.4 Diagnóstico falho em mulheres: gênero, mascaramento e invisibilidade</b>	<b>18</b>
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>20</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>23</b>
<b>4.1 Análise crítica dos personagens Sam Gardner da série <i>Atypical</i> (2017) e Shaun Murphy da série <i>The Good Doctor</i> (2017)</b>	<b>36</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por uma condição complexa que se manifesta por dificuldades persistentes na comunicação e na forma de interagir socialmente (Rosa, 2024). O TEA é considerado um espectro por abranger diferentes níveis de suporte e manifestações diversas, que podem variar de leves a mais intensas. O diagnóstico é clínico, baseado em critérios observáveis de comportamento, e cada pessoa autista pode apresentar características únicas, o que reforça a importância de uma compreensão ampla e individualizada do transtorno. Entende-se, portanto, que as características utilizadas no diagnóstico de autismo têm como base questões comportamentais associadas à comunicação, aos comportamentos restritos e repetitivos e aos prejuízos no âmbito social (*American Psychiatric Association [APA], 2014*).

Segundo Salvador (2019), as capas de revistas representavam o TEA como uma tragédia, excluindo a voz dos autistas, infantilizando e sem dar oportunidades para as pessoas que têm esse diagnóstico se manifestarem sobre como se sentem, o que sentem, o que pensam. A mídia, por sua vez, tem um papel crucial na disseminação de informação na sociedade e em como o autismo está sendo representado.

Sendo assim, o público consumidor dos produtos midiáticos tem a capacidade e o poder de solicitar ou até mesmo exigir representações que sejam mais autênticas e apoiar produções que consigam incluir pessoas autistas. Assim como aponta a evidência científica de Orm et al. (2023), pessoas autistas devem reivindicar representações mais fiéis na mídia, o que inclui nomear escritores autistas, ter um consultor autista e representar uma maior diversidade de personagens autistas. Isso torna ainda mais relevante considerando que séries de TV e filmes são fontes importantes de conhecimento sobre autismo para o público em geral. Diante disso, assim como aponta Murray (2008), analisar de forma crítica como o espectro autista é retratado na mídia e como a sociedade entende e transfere isso para seu olhar com as pessoas autistas é fundamental para refletir sobre a responsabilidade social dessas produções.

Dessa forma, entendemos que a série *Heartbreak High* (2022) pode ser considerada como exemplo especial, pois apresenta a personagem Quinni como autista de uma forma mais empática, ao abordar uma mulher autista sem os estereótipos que geralmente são encontrados em personagens que são retratados no universo audiovisual, como Sam

Gardner, da série *Atypical* (2017), e Shaun Murphy, da série *The Good Doctor* (2017), ajudando a combater essas representações prejudiciais.

A escolha do tema desta monografia, portanto, se justifica pela crescente atenção recente na mídia referente ao TEA, como aborda Mittmann et al. (2023). O aumento da visibilidade do autismo nas últimas décadas, marcado por um crescimento significativo no número de diagnósticos, colocou o tema em evidência na mídia, tanto em conteúdos ficcionais quanto jornalísticos, gerando um crescimento no número de representações de pessoas autistas em séries, filmes e livros, especialmente a partir dos anos 2000. Representações essas que, muitas vezes, são marcadas por estereótipos que não refletem a diversidade que existe dentro do espectro, contribuindo para um olhar limitado da sociedade sobre o que é ser autista (Rios et al., 2015).

Além da relevância social e acadêmica, esta pesquisa nasce de uma motivação pessoal importante. Como mulher autista, já enfrentei preconceitos e desinformação, especialmente pela invisibilidade das mulheres no espectro. A mídia costuma mostrar um único tipo de autista, descredibilizando quem foge desse padrão. Por isso, este trabalho reflete sobre a construção e reforço dos estereótipos, mostrando que representações mais diversas e reais são possíveis, como a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022).

Até onde se sabe, não há registros anteriores na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em todos os campi, que abordem de forma crítica, sensível e interseccional os estereótipos do TEA, especialmente considerando a experiência de mulheres autistas e suas dimensões clínica, social e midiática. Para garantir a originalidade, foi realizada uma busca detalhada no repositório institucional (DSpace UEPB) usando palavras-chave como ‘autismo’, ‘TEA’, ‘estereótipos’, ‘representação’, ‘mídia’ e ‘neurodiversidade’, sem identificar trabalhos similares com a temática e recorte associados aos estereótipos do TEA atrelando também a uma análise comparativa de mídia.

Este estudo propõe uma abordagem pioneira comparativa entre três personagens da mídia — Quinni, Sam Gardner (*Atypical*, 2017) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017) — sob uma perspectiva interdisciplinar que integra critérios clínicos do DSM-5 (2014), sociais e de gênero do DSM-5-TR (2022), além de aspectos de interseccionalidade. Busca-se, assim, contribuir para a desconstrução dos estereótipos associados ao TEA.

Ademais, a escassez de estudos que realizem uma análise comparativa entre diferentes personagens autistas na mídia no Brasil, com base em critérios clínicos e aspectos interseccionais de gênero e neurodiversidade, indica que esta pesquisa apresenta um recorte inédito dentro do contexto pesquisado — especialmente por considerar como base de

comparação uma personagem autista mulher interpretada por uma atriz autista —, com potencial de abrir caminhos para novas investigações no campo da representação dos estereótipos do TEA.

Deste modo, a presente pesquisa busca responder: de que maneira a personagem Quinni, da série *Heartbreak High*, contribui para a desconstrução de estereótipos do autismo na mídia, especialmente no que diz respeito à representação de mulheres autistas?

Torna-se importante investigar como o autismo vem sendo representado na mídia. A presença de personagens neurodivergentes no meio audiovisual, como é o caso de Quinni, da série *Heartbreak High*, oferece não apenas entretenimento e carisma, mas também a possibilidade de construção — ou desconstrução — de estigmas, estereótipos e preconceitos relacionados ao autismo. Ao abordá-lo de maneira sensível, plural e atual, a série contribui para ampliar o entendimento social sobre a neurodivergência.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022), contribui para a desconstrução de estereótipos sobre o TEA na mídia, com base em descrições acadêmicas e clínicas do espectro. A pesquisa, de cunho qualitativo e exploratório, tem como objetivos específicos:

1. Analisar como a série *Heartbreak High* (2022) representa o TEA através da personagem Quinni, com base em descrições clínicas e acadêmicas, destacando a importância da visibilidade de mulheres autistas na mídia.
2. Discutir estereótipos sobre o autismo presentes na literatura acadêmica e refletir sobre como essas ideias influenciam a percepção social do TEA.
3. Comparar a representação de Quinni com as representações de Sam Gardner (*Atypical*, 2017) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017), analisando os efeitos dessas imagens na compreensão pública da diversidade dentro do espectro autista e destacando como a personagem Quinni contribui para a desconstrução desses modelos estereotipados.

A monografia está dividida em cinco partes principais: Introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise de dados e considerações finais. Na introdução, são apresentados o tema, justificativa e objetivos, contextualizando a relevância do estudo. Em seguida, a fundamentação teórica traz uma revisão bibliográfica com autores científicos e teorias relevantes. A metodologia descreve os procedimentos utilizados para análise. Depois, a análise de dados apresenta a interpretação dos conteúdos observados, relacionados ao

referencial teórico e, por fim, as considerações finais, com a síntese dos resultados, limitações e possíveis contribuições do trabalho.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos próximos subtópicos, serão discutidos os principais referenciais teóricos que sustentam esta pesquisa, começando pela análise da série *Heartbreak High* (2022), com destaque para a personagem Quinni, cuja representatividade autista será examinada à luz de Marques (2024b), que trata da relevância cultural da série, França e França (2020) iniciando a discussão sobre linguagem cinematográfica e Salvador (2019) para contextualizar sobre mídia.

É importante destacar que, embora a maior parte dos referenciais utilizados neste trabalho sejam provenientes de estudos acadêmicos e científicos, algumas fontes jornalísticas e matérias foram incluídas para complementar a análise, principalmente por abordarem temas muito recentes ou específicos, como as representações do autismo em produções audiovisuais recentes e a recepção crítica dessas obras. Fontes como Villano (2025), Kurchak (2024) e Marques (2024b) são exemplos dessas contribuições jornalísticas e matérias especializadas, que, apesar de não se configurarem como estudos científicos tradicionais, apresentam análises robustas e fundamentadas que enriquecem o debate e fornecem contexto atual e cultural indispensável para esta pesquisa.

Portanto, a fundamentação teórica também contará com contribuições centrais da APA (2014, 2022) e de autores como Angelis e Teixeira (2022), Sá (2023), Happé e Frith (2006), Baron-Cohen et al. (2001a), Baron-Cohen (2001b), Robertson e Baron-Cohen (2017) e Soares e Brito (2024), que discutem os critérios clínicos do diagnóstico de TEA no DSM-5 e no DSM-5-TR, com ênfase nas especificidades de gênero. Adicionalmente, serão consideradas as contribuições de Louzada (2024) e Ortega (2008), que aborda o marco inicial dos estudos sobre o TEA. Também serão mobilizados estudos científicos de Murray (2008), Mittmann et al. (2023), Hungerford et al. (2025), Rosa (2024) e Lai et al. (2015), que abordam criticamente as representações midiáticas do TEA e os estereótipos associados. Por fim, os referenciais de Villano (2025), Freire e Cardoso (2022), Kurchak (2024) e Ribeiro (2021) serão essenciais para discutir o apagamento histórico de meninas e mulheres autistas, bem como a recepção crítica de representações estereotipadas em obras como *Atypical* (2017) e *The Good Doctor* (2017), de modo a analisar como a personagem Quinni rompe com padrões estereotipados em contraste com esses personagens.

## 2.1 Conheça “*Heartbreak High*”, a série adolescente da Netflix que tem representatividade autista

A série *Heartbreak High* (2022), conforme aponta Marques (2024b), é uma série australiana que é um resgate de uma outra produção dos anos 90 de mesmo nome — ou seja, resgata a mesma temática e personagens, mas há uma mudança no roteiro —. Ambientada no colégio Hartley High, a trama aborda questões como identidade, sexualidade, relações interpessoais e conflitos familiares. Entre os personagens, destaca-se “Quinni”, uma jovem autista, queer, interpretada por Chloe Hayden, também autista na vida real, cuja representação traz uma abordagem mais realista e empática do espectro, distante de estereótipos comuns.

Para compreender como essa representação é construída, é necessário considerar a linguagem cinematográfica, que tem papel fundamental na forma como as mensagens são transmitidas ao público. Segundo França e França (2020), a primeira exibição pública de cinema ocorreu no dia 28 de dezembro de 1895, em Paris, organizada pelos irmãos Lumière, causando uma revolução na sétima arte. Desde então, a linguagem cinematográfica que é composta por planos, transições e movimentos de câmera organiza as imagens com o objetivo de produzir significado, sendo interpretada de forma subjetiva conforme as experiências culturais de cada espectador (Silva, 2016).

A mídia, nesse sentido, tem se mostrado uma aliada importante na construção de debates sobre inclusão. Segundo Salvador (2019), a mídia está presente em nosso cotidiano e tem papel importante no estímulo a debates sobre inclusão e direitos. O autismo, por sua vez, tem sido cada vez mais um objeto de discussão e atenção na mídia. Portanto, uma produção como *Heartbreak High* (2022) pode ser um exemplo de representação na mídia capaz de abordar a diversidade que há no espectro autista, trazendo luz ao conceito da neurodiversidade.

Desse modo, a personagem se destaca por ser extrovertida e simpática, expressando sua criatividade por meio de seus estilos de roupas e makes, trazendo uma personalidade autêntica. No começo da série, não sabemos que ela é autista, mas, ao longo da narrativa, ela compartilha que está no espectro com Sasha, uma garota por quem ela se interessa romanticamente.

Esse esclarecimento veio após um mal-entendido, quando Quinni foi acusada de desatenção durante um encontro em um restaurante, enquanto, na verdade, estava entrando em crise por causa dos estímulos excessivos no ambiente. A série consegue trazer essa

abordagem de ignorância e capacitismo que Quinni vivencia, vinda de Sasha, por causa de suas crises e sua forma “estranha” de ser. Em uma entrevista, a atriz Chloe Hayden relata que:

Um personagem como Quinni em uma plataforma como a Netflix vai além de ser envolvente: é uma celebração da neurodiversidade e da possibilidade de se sentir visto por um grupo que historicamente foi mal compreendido e marginalizado. O impacto potencial de uma representação positiva e significativa para jovens autistas – que frequentemente relatam sentimentos de solidão e alienação – não é apenas revigorante, mas alimenta a alma, (Marques, 2024, p. 1).

Como dito por Marques, essa inclusão de personagens autistas em séries adolescentes, como é o caso de *Heartbreak High* (2022), desempenha um papel muito significativo na representação e traz uma abordagem sensível às diversidades neurológicas e às experiências de pessoas autistas, promovendo empatia e compreensão.

## 2.2 Representando a cultura do autismo: definições clínicas, narrativa e fascínio

Os primeiros registros acadêmicos sobre o que hoje conhecemos como Transtorno do Espectro Autista (TEA) surgiram em 1910, quando o psiquiatra suíço Eugen Bleuler utilizou o termo “pensamento autista” inicialmente para descrever o afastamento da realidade observado em pacientes esquizofrênicos. Louzada (2024) aborda que, em 1944, Hans Asperger, um pediatra austríaco, escreveu seu artigo sobre “Psicopatia autista na infância”, e que as crianças de Asperger eram descritas como sendo peculiares e interessantes, possuindo capacidades de compensar suas dificuldades de interação social e comunicativa.

Apenas décadas depois o olhar clínico começou a se abrir para interpretações mais plurais. Nesse contexto Ortega (2008) destaca a importância do termo “neurodiversidade”, que foi introduzido em 1999 pela socióloga Judy Singer, diagnosticada com Síndrome de Asperger. A autora afirma que a neurodiversidade não é uma doença a ser tratada ou curada; é uma diferença humana que precisa ser respeitada. Ou seja, abrange a variedade de composições neurológicas presentes em todos os seres humanos, referindo-se às diversas maneiras de existência determinadas pela formação cerebral neurológica.

De forma geral, compreender o autismo exige considerar tanto as definições clínicas quanto suas representações culturais. Clinicamente, o TEA é caracterizado por déficits na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamentos (APA, 2014). Sobre os padrões restritos, Happé e Frith (2006), explicam a teoria chamada “fraca coerência central”, sugerindo que indivíduos autistas tendem a processar as informações de

maneira muito detalhista, priorizando partes isoladas em vez do todo. Essa característica pode trazer um comprometimento a generalização de habilidades, já que, ao codificar as experiências com foco excessivo nos detalhes específicos de cada situação, a pessoa pode encontrar dificuldades para aplicar aquele conhecimento em outros contextos que, embora semelhantes, não sejam idênticos.

Essa limitação nos reconhecimentos dos padrões globais e flexíveis está fortemente relacionada ao que se compreende como rigidez cognitiva, uma vez que a mente autista pode resistir a variações sutis, mantendo-se presa a estruturas fixas, rotinas ou interpretações literais. Dessa forma, dificultando para perceber relações amplas entre eventos ou em adaptar habilidades a novas circunstâncias, e isso é um dos fatores que mais impacta a autonomia social, educacional e emocional de pessoas no espectro autista (Happé e Frith, 2006).

Baron-Cohen et al. (2001a) desenvolveram o *Reading the Mind in the Eyes Test*, que avalia a capacidade de interpretar estados mentais a partir dos olhos e suas expressões, e demonstrou que adultos com TEA apresentam dificuldade em reconhecer expressões faciais sutis em comparação ao grupo controle, especialmente em regiões como os olhos, o que afeta a compreensão de emoções e intenções sociais.

Baron-Cohen (2001b), cita o déficit de teoria da mente nas pessoas autistas, que afeta diretamente sua capacidade de entender estados mentais dos outros, o que pode resultar em dificuldades para compreender normas sociais implícitas, como o que é apropriado dizer ou perguntar em determinadas situações.

Robertson e Baron-Cohen (2017) enfatizam sobre diferenças sensoriais, como hipersensibilidade e hipossensibilidade, afirmando que são tão centrais ao autismo quanto os déficits sociais e comunicativos, estando agora incluídas nos critérios diagnósticos pela DSM-5. Os autores argumentam que cerca de 90% das pessoas no espectro experimentam essas diferenças, como sintomas sensoriais a gosto, toque, audição, cheiro e visão que afetam na capacidade de integrar informações sensoriais complexas em tempo real, o que, por sua vez, acaba interferindo significativamente na interação social cotidiana da pessoa autista.

De acordo com Angelis e Teixeira (2022), em 1º de janeiro de 2022, o TEA passou a ser entendido como um diagnóstico único na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Segundo as autoras, em (2022) o DSM-5 uniu todos os diagnósticos do TEA no código (6A02) e, atualmente, o CID-11 e o DSM-5 são indicados como as diretrizes para as classificações diagnósticas dos TEA.

Esses são os critérios diagnósticos do autismo de acordo com o DSM-5 publicado pela APA (2014). No entanto, é importante destacar que foi publicada pela mesma associação

em 2022, uma atualização do DSM-5 para o DSM-5-TR. Os critérios continuam os mesmos, entretanto, houve alterações no texto. Segundo Soares e Brito (2024), uma das alterações feitas no DSM-5-TR foi a inclusão sobre “sexo e gênero”, nessa nova versão, inclui-se uma descrição mais detalhada das características do TEA em indivíduos do sexo feminino.

Um dos critérios diagnósticos, segundo a APA (2014), é também o item do subtópico B4 do DSM-5, descrevendo o: “hiper ou hipo-reatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente”. Amadera (2023) reforça que essa característica explica porque muitas pessoas autistas reagem de forma intensa a ruídos, luzes, cheiros ou aglomerações, como representado na crise sensorial de Quinni no restaurante. Sá (2023), ao discutir padrões restritos de comportamento e hiperfoco, destaca que tais características não são meramente sintomas, mas aspectos que por se tratar de um foco intenso e profundo, pode se tornar prejudicial para o dia a dia da pessoa autista.

No campo cultural, Murray (2008) explora a representação do autismo em narrativas populares, destacando como o público percebe comportamentos considerados ‘extraordinários’ ou ‘estranhos’. Ele analisa os estereótipos e preconceitos na mídia e como essas representações foram responsáveis por moldar as percepções sociais em relação ao autismo. Um dos pontos fundamentais é o conceito de “fascinação”, que a cultura popular apresenta pelo autismo, frequentemente se dedicando a traços como habilidades especiais (por exemplo, a ideia do “gênio autista” ou “savant”), o termo *savant* refere-se a de habilidades excepcionais que algumas raras pessoas autistas podem possuir.

Nastas (2018), também explica que a chamada “síndrome de Savant” se refere a pessoas autistas que apresentam habilidades intelectuais excepcionais. Ela é representada, por exemplo, no personagem Shaun Murphy da série *The Good Doctor* (2017), mas de maneira bastante estereotipada. Murray afirma que essa fascinação, apesar de aumentar a visibilidade, resulta em uma imagem distorcida, pois representa apenas uma pequena porção das experiências de autistas, e perpetua estigmas e desentendimentos.

Revisões acadêmicas recentes demonstram que as representações midiáticas do autismo são frequentemente reducionistas e estigmatizantes. Mittmann et al. (2023) destacam que a mídia de forma corriqueira retrata também o savantismo, reforçando representações negativas. Eles apontam que essas formas de mídia podem ser particularmente prejudiciais, alcançando um público amplo. Hungerford et al. (2025) também explora as representações autistas na mídia que perpetuam os estigmas nas pessoas que estão no espectro. Incluindo o fato de que pessoas autistas são frequentemente representadas de formas estereotipadas como traços savant.

Dessa forma, uma abordagem mais inclusiva deve buscar refletir a diversidade das experiências autistas, evitando narrativas que na maioria das vezes representam uma minoria dentro do espectro. Promover uma compreensão mais ampla e realista do autismo é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

### **2.3 Representações midiáticas do autismo: recepção e críticas às séries *Atypical* (2017) e *The Good Doctor* (2017)**

Duas das séries mais populares da década de 2010 — *Atypical* (2017) e *The Good Doctor* (2017) — são frequentemente criticadas por apresentarem representações estereotipadas do autismo. Ribeiro (2021) analisou a recepção de *Atypical* (2017) por pessoas autistas, protagonizada por Sam Gardner, um adolescente com TEA. Em sua pesquisa documental, a autora destaca que, apesar de haver identificação com aspectos como dificuldade na socialização e confusão com ironias, muitos entrevistados apontaram a ausência de diversidade na representação, sobretudo no que se refere às mulheres autistas. Além da forma estereotipada que o personagem foi abordado, em especial, sobre seu hiperfoco.

Já *The Good Doctor* (2017) é duramente criticada por Kurchak (2024), uma escritora autista que aponta a falta de roteiristas e atores autistas no projeto. A autora afirma que *The Good Doctor* foi a série de maior audiência da temporada de 2017-2018 e ficou no top 30 durante a maior parte do tempo de sua exibição. É no mínimo perigoso e preocupante que uma série com tanto alcance tenha sido representada de uma maneira tão fantasiosa, ela comenta que a representação de Shaun parece ser mais uma forma como as pessoas não autistas gostariam que o autismo fosse do que como ela realmente é.

Mittmann et al. (2023), inclusive, aborda que o tipo de mídia mais associado a estigmatização e desinformação sobre o autismo são os filmes e séries de TV, citando também *The Good Doctor* como exemplo na mídia com grande influência e estigmatização.

De acordo com Kurchak, o Dr. Murphy, de forma frequente, acabava sendo representado e se comportando de maneiras estereotipadas e caricatas que não refletem a forma como a maioria das pessoas autistas interagem com o mundo. Isso traz uma visão para a sociedade de autistas como um padrão único, que precisam necessariamente se comportar da maneira como Shaun Murphy foi representado para serem realmente vistos como autistas.

Ambas as obras, embora tenham contribuído para aumentar a visibilidade do autismo na mídia, também evidenciam a urgência de produções que envolvam pessoas autistas em sua criação, como ocorre em *Heartbreak High* (2022).

## 2.4 Diagnóstico falho em mulheres: gênero, mascaramento e invisibilidade

Diversos estudos vêm apontando como o diagnóstico do autismo falhou historicamente com mulheres e meninas. Villano (2025) aborda que existe uma nova pesquisa relatando que 70% dos estudos sobre autismo focaram apenas em indivíduos do sexo masculino, prejudicando o diagnóstico e o reconhecimento do transtorno em mulheres. Esse estudo, segundo Villano, vem do novo livro de Gina Rippon, professora sobre autismo em meninas e mulheres, intitulado *Fora do espectro: por que a ciência do autismo falhou com mulheres e meninas*.

O autor cita que Rippon identificou em uma revisão de 2024 que, entre mais de 120 estudos analisando que testaram modelos cerebrais de autismo, quase 70% desses estudos foram conduzidos apenas em homens ou incluíram uma quantidade muito reduzida de mulheres. Rippon destaca que menos de 10% dos aproximadamente 4.000 participantes dessas pesquisas eram do sexo feminino. Villano afirma que a CNN estabeleceu uma conversa recente com Gina Rippon, na qual ela cita:

Havia uma crença muito forte até recentemente de que o autismo era um problema masculino. Como resultado, uma grande indústria cresceu em torno do diagnóstico de autismo para indicar de forma confiável se uma criança tinha autismo. Mas eles só olhavam para o tipo de comportamento que era característico dos meninos. Se meninas apresentassem comportamento similarmente desordenado, a ideia de que poderia ser autismo simplesmente não emergia, (Villano, 2025, p. 1).

Essa citação evidencia que o entendimento do autismo foi, historicamente, moldado a partir de experiências masculinas, gerando assim muitos diagnósticos subestimados e equivocados em meninas e mulheres. Assim, isso ajudou a estabelecer um padrão clínico que não favorecia as diferenças de gênero nas manifestações do espectro. O autor, em sua matéria, aborda que Gina Rippon também afirma:

Uma coisa que me impressionou é que a noção de hipersensibilidade a questões sensoriais, como roupas que coçam, luzes brilhantes, cheiros e assim por diante, é mais característica de meninas no espectro do que meninos. E isso só recentemente foi incluído no diagnóstico. Estava na última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), (Villano, 2025, p. 1).

Portanto, segundo Rippon, a nova atualização da APA (2022) passa agora a considerar respostas atípicas a esses estímulos sensoriais (seja intensos ou sutis) como parte dos critérios diagnósticos do TEA. Sendo assim, um avanço muito significativo, ampliando o entendimento do espectro e ajudando a integrar perfis que antes eram ignorados, como o de muitas meninas e mulheres. Esse atraso, como abordado por Rosa (2024), enfatiza o que ela cita em seu artigo de que, historicamente, as mulheres foram socializadas de maneira diferente dos homens: ao grupo de meninas, era oferecido mais brincadeiras de bonecas ou modelagem ou “correção” de comportamento de como agir em determinadas situações. Esse processo influenciou diretamente no desenvolvimento de estratégias como o *masking*, que é muito mais comum entre mulheres autistas. Por esconderem suas dificuldades sociais com mais frequência, muitas acabam sendo diagnosticadas apenas na vida adulta ou, em muitos casos, nem chegam a receber um diagnóstico.

Freire e Cardoso (2022) também afirmam que existem evidências encontradas para o fato de que há subdiagnósticos ou diagnóstico tardio no TEA em mulheres. A própria APA (2022) chama atenção para estudos epidemiológicos que apontam para uma razão de prevalência maior em meninos do que em meninas, sendo de 4 por 1. Porém, há hipóteses de que, como mulheres são mais proficientes em “mascarar” ou “camuflar” os sintomas, poderia justificar esses subdiagnósticos.

Estudos de Hull et al. (2020) e Lai et al. (2015) reforçam a tese de que o “mascaramento social” — ou seja, o esforço consciente de imitar comportamentos neurotípicos — é mais comum entre mulheres, o que dificulta a detecção do autismo. Ao reconhecer que as mulheres frequentemente apresentam um “perfil camuflado” de TEA, o DSM-5-TR (APA, 2022) promove um avanço importante, ampliando o entendimento do espectro e ajudando a integrar perfis que antes eram ignorados, como o de muitas meninas e mulheres.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui natureza qualitativa e exploratória, com o objetivo geral de analisar de como a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022), contribui para a desconstrução de estereótipos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na mídia, com base em descrições acadêmicas e clínicas do espectro.

Conforme Lösch et al. (2023), a pesquisa qualitativa traz uma abordagem subjetiva, preocupando-se em entender os sujeitos e suas produções e dedica-se a interpretar e observar a realidade dos fenômenos ocorridos. Posteriormente, os autores afirmam que a pesquisa exploratória tem como finalidade compreender e investigar um fenômeno ou tema que é de interesse, buscando proporcionar um conhecimento maior e trazer familiaridade para assuntos que ainda são pouco abordados ou que demandam aprofundamento na literatura existente.

A abordagem metodológica usada para este estudo será baseada em uma análise de conteúdo, acompanhada de referenciais teóricos científicos dos estudos culturais e estereótipos midiáticos do autismo como (Murray, 2008), (Mittmann et al., 2023), (Hungerford et al., 2025), Rosa (2024) e Lai et al. (2015), da neurodivergência e DSM-5 (Ortega, 2008), APA (2014), Angelis e Teixeira (2022), Sá (2023), Happé e Frith (2006), Baron Cohen et al. (2001a), Robertson e Baron-Cohen (2017), Soares e Brito (2024), entre outros. As características e representações de Quinni serão estudadas por meio de alguns episódios das duas temporadas da série *Heartbreak High* (2022), com atenção especial às cenas e diálogos, que trazem trechos de falas e imagens que evidenciam os comportamentos, a forma de interação social e padrões de pensamento da personagem Quinni, associando-os às manifestações do TEA.

Ademais, serão consideradas as representações de dois personagens masculinos autistas da mídia: Sam Gardner, da série *Atypical* (2017), e Shaun Murphy, da série *The Good Doctor* (2017). A análise crítica desses personagens busca não só evidenciar possíveis estereótipos recorrentes, mas também fazer um contraste com a representação de Quinni, com ênfase na diversidade de manifestações do espectro e na importância de figuras autistas femininas na mídia. A coleta de dados será realizada a partir de:

1. Visualização atenta de três episódios da primeira temporada (episódios 1, 2 e 6) e um episódio da segunda temporada (episódio 5) da série *Heartbreak High* (2022), com foco na personagem Quinni, utilizando anotações manuais, transcrição de

trechos de alguns diálogos e registro de prints de cenas relevantes. A escolha desses episódios específicos se justifica porque retratam bem as características principais do DSM-5 (APA, 2014) e servem como base para as análises e críticas propostas neste trabalho. Serão observadas nos episódios suas características comportamentais, interações sociais e a forma como sua neurodivergência é construída narrativamente ao longo da série. Esses elementos servirão como critérios para a análise da representação do autismo na personagem, em comparação com descrições acadêmicas e clínicas do transtorno;

2. Serão coletadas e analisadas fontes midiáticas, como críticas e artigos publicados em veículos especializados, que abordam as representações de Sam Gardner, da série *Atypical* (2017), e Shaun Murphy, da série *The Good Doctor* (2017). O objetivo é compreender como esses personagens são construídos na narrativa e percebidos pela sociedade, identificando os estereótipos frequentemente associados a representações de pessoas autistas do sexo masculino. Esses dados serão utilizados como base para a análise comparativa com a personagem Quinni;
3. A análise dos dados das representações de Sam e Shaun será feita em diálogo com o referencial teórico de (Ribeiro, 2021) e (Kurchak, 2024), especialmente com autores científicos que discutem esses estereótipos sobre o autismo e representações midiáticas como (Murray, 2008), (Mittmann et al., 2023), (Hungerford et al., 2025) e estudos sobre os critérios do Transtorno do Espectro Autista baseados na APA (2014), entre outros. Desta maneira, será possível refletir sobre os estereótipos amplamente associados ao TEA na mídia, considerando como a predominância de personagens masculinos — como Sam Gardner (*Atypical*) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*) — reflete uma produção científica historicamente centrada em homens.

A análise será orientada pelos princípios da análise de conteúdo descrita por Santos (2012), segundo os quais a função principal é abordar um desvendamento crítico, possibilitando a interpretação e compreensão dos elementos narrativos observados nas séries. Portanto, a metodologia adotada possibilita uma análise qualitativa e interpretativa da representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio da personagem Quinni, em *Heartbreak High* (2022).

A investigação será guiada por quatro objetivos principais: Analisar como a série *Heartbreak High* (2022) representa o TEA através da personagem Quinni, com base em

descrições clínicas e acadêmicas, destacando a importância da visibilidade de mulheres autistas na mídia; discutir estereótipos sobre o autismo presentes na literatura acadêmica e refletir sobre como essas ideias influenciam a percepção social do TEA; comparar a representação de Quinni com as representações de Sam Gardner (*Atypical*, 2017) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017), analisando os efeitos dessas imagens na compreensão pública da diversidade dentro do espectro autista e destacando como a personagem Quinni contribui para a desconstrução desses modelos estereotipados.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme mencionado anteriormente, Quinni é uma personagem autista assim como a própria atriz que a interpreta, Chloe Hayden — que também foi diagnosticada com autismo. Dessa forma, entendemos que esse aspecto confere maior autenticidade à personagem e à representação da neurodivergência na série.

No entanto, a narrativa não apresenta Quinni explicitamente como autista logo no começo. Inicialmente, ela é mostrada como uma jovem extrovertida, criativa, especialmente em relação ao seu estilo de roupas e maquiagens, simpática e divertida. Somente com o decorrer dos episódios, em uma conversa com Sasha é que Quinni revela ser autista, o que será abordado posteriormente.

O primeiro passo desta análise será analisar como a série *Heartbreak High* (2022) representa o TEA através da personagem Quinni, com base em descrições clínicas e acadêmicas, destacando a importância da visibilidade de mulheres autistas na mídia; discutir estereótipos sobre o autismo presentes na literatura acadêmica e refletir sobre como essas ideias influenciam a percepção social do TEA; comparar a representação de Quinni com as representações de Sam Gardner (*Atypical*, 2017) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017), analisando os efeitos dessas imagens na compreensão pública da diversidade dentro do espectro autista e destacando como a personagem Quinni contribui para a desconstrução desses modelos estereotipados.

Logo nos primeiros minutos do episódio 1 da primeira temporada, do minuto 4:42 ao 4:55, Quinni é apresentada em uma situação social na qual Amerie, a protagonista da série, esbarra nela e em seu amigo Darren. Quinni interpreta o ocorrido como um acidente, demonstrando certa ingenuidade social. O Portal do TEA (2025) destaca que uma rede de apoio para as pessoas autistas pode auxiliar na autonomia e inclusão das pessoas neurodivergentes nos ambientes sociais, e Darren exerce o papel de suporte para Quinni, esclarecendo que a atitude de Amerie foi intencional.

**Figura 1 - Dificuldade de Quinni em perceber hostilidade social**



**Fonte:** *Heartbreak High* (2022)

A imagem acima retrata o momento em que Quinni diz achar que Amerie não os viu. Situações como essa são bem comuns em pessoas autistas. No critério A do DSM-5, segundo a APA (2014), um dos elementos essenciais para o diagnóstico do autismo é o déficit na comunicação e na interação social. Essa cena mostra exatamente isso: Quinni tem uma certa dificuldade em fazer leituras de intenções sociais.

O papel de Darren na vida de Quinni é fundamental. Ele representa uma amizade verdadeira, mas não só isso: Darren também é um ponto de equilíbrio entre Quinni e o mundo neurotípico, ajudando-a a entender situações sociais que, sozinha, ela teria mais dificuldade de interpretar, como intenções sociais ou sinais não verbais. Isso reforça a importância do suporte na vida de pessoas autistas, independentemente do nível de suporte necessário, para que consigam lidar melhor com os contextos sociais do dia a dia.

De acordo com Happé e Frith (2006), existe uma teoria chamada “fraca coerência central”, ou seja, uma tendência em pessoas autistas a focar em detalhes isolados e a não integrar informações contextuais amplas, o que compromete a interpretação de sinais sociais implícitos como sarcasmo, ironia ou intenção maliciosa.

Ainda nesse episódio, do minuto 36:57 ao 37:13, acontecem duas situações com Quinni envolvendo Amerie. A primeira é quando Quinni está com Darren e Amerie, e Amerie

está visivelmente triste. Mesmo assim, Quinni tem dificuldade de reconhecer essa emoção pelo rosto da amiga e precisa perguntar se ela está triste, como podemos ver abaixo:

**Figura 2 - Dificuldade em reconhecer expressões faciais**



Fonte: *Heartbreak High* (2022)

A imagem da cena anterior nos mostra, em outra situação, como Quinni tem dificuldade em reconhecer expressões faciais, o que é apontado no critério A do DSM-5 (APA, 2014) como uma característica típica para o diagnóstico do autismo, dificultando, assim, a interação social. Como já abordado por Baron-Cohen et al. (2001a), autistas, especialmente adultos, tem dificuldades em reconhecer expressões faciais sutis, corroborando em um déficit na interação social.

Logo depois dessa cena, na segunda situação, no mesmo episódio, Quinni tenta entender por que Amerie está triste, mas faz perguntas que soam invasivas e desconfortáveis. Ela pergunta: “O fato de não ser mais popular?”, “De Harper não ser mais sua amiga?”, “De saberem que fez o mapa?” ou “De termos aula por sua causa?”. Essas perguntas deixam Amerie visivelmente incomodada, mas Quinni não percebe — e Darren a interrompe para tentar amenizar a situação, como mostra a imagem abaixo:

**Figura 3 - Darren interrompe Quinni**



Fonte: *Heartbreak High* (2022)

Quando Darren a interrompe, ela entende que suas falas não foram ditas no melhor momento. De acordo com a figura mostrada, conseguimos ver a expressão dos dois: o constrangimento visível em Darren e a percepção de Quinni de que o clima ficou tenso com as perguntas que fez. A APA (2014) menciona que: “Indivíduos mais velhos podem relutar para entender qual o comportamento considerado apropriado em uma situação e não em outra” (2014, p. 53). Ou seja, a cena também se encaixa no critério A do DSM-5, pois mostra um traço muito comum em pessoas autistas, a dificuldade em entender normas sociais implícitas, como o que é ou não apropriado perguntar em determinada situação. Essa forma mais sincera e direta com que Quinni interage não se alinha às normas sociais neurotípicas e isso é uma parte central do diagnóstico clínico segundo o DSM-5.

Conforme apontado por Baron-Cohen (2001b), o déficit de teoria da mente nas pessoas autistas afeta diretamente sua capacidade de entender estados mentais dos outros, o que pode resultar em dificuldades para compreender normas sociais implícitas, como o que é apropriado dizer ou perguntar em determinadas situações.

Na cena seguinte, do minuto 37:14 ao 37:55, Quinni percebe o constrangimento após as perguntas que fez e sugere fazer uma sessão de "scream therapy", que seria como uma "terapia do grito", para colocar pra fora o que estão sentindo. Mas no momento do grito, como

mostra a imagem abaixo, ela tampa os ouvidos — tanto quando os amigos gritam quanto na hora que ela mesma grita:

**Figura 4 - Cena da “sessão do grito”**



Fonte: *Heartbreak High* (2022)

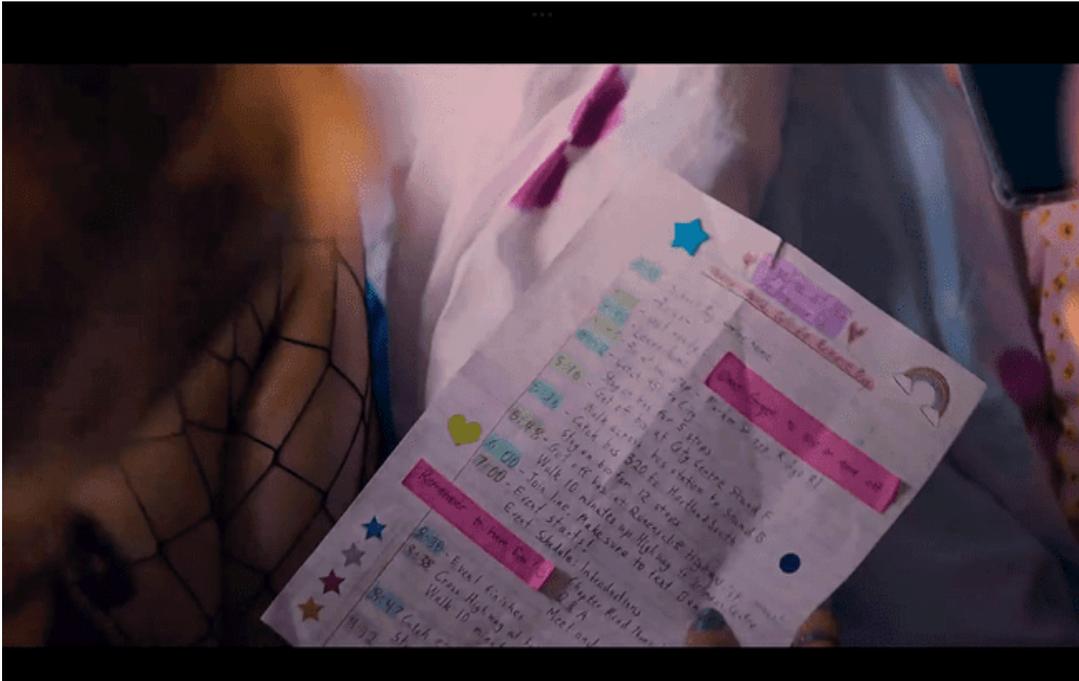
Ainda no DSM-5 (APA, 2014), existem subtópicos. No critério B, segundo Amadera (2023, p.1), temos o subtópico B4, que traz a característica obrigatória de “hiper ou hipo-reatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente”. Ou seja, a pessoa autista tem uma resposta exagerada ou diferente a estímulos que outras pessoas consideram comuns — como sons altos, luzes fortes, cheiros, texturas ou até multidões.

Podemos perceber pelo movimento de Quinni em levar as mãos aos ouvidos que há um incômodo de sensibilidade sensorial por parte dela. A expressão dela é de felicidade, pois a cena era de um momento leve e de descontração, mas esse desconforto sensorial consegue ser bem retratado nesta cena pelo seu gesto. Em outros momentos da série, que estarão mais adiante, a personagem deixa mais claro ainda que sente essa sensibilidade.

Outra característica presente nos critérios do DSM-5, de acordo com Amadera (2023), é o subtópico B2, que fala sobre a rigidez cognitiva — ou seja, a dificuldade em se adaptar a mudanças de pensamento, rotina ou regras. No episódio 6 da primeira temporada, do minuto 18:20 ao 19:13, Quinni mostra um roteiro com tudo o que vai fazer durante o dia, com

horários e uma organização detalhada para que ela consiga cumprir o planejado e que seu dia seja o mais equilibrado e proveitoso possível. O fato de essa rigidez cognitiva estar presente e ser um critério diagnóstico mostra que pessoas autistas precisam de um direcionamento e de previsibilidade como essa para conseguir realizar tarefas básicas do dia a dia, como a figura 5 a seguir evidencia:

**Figura 5 - Rotina de Quinni**



Fonte: *Heartbreak High* (2022)

Aqui é possível acompanhar toda a rotina planejada de Quinni, com horários definidos para que ela consiga seguir o que foi programado naquele dia. Marques (2024a) destaca que:

A rigidez cognitiva pode ser vista como uma forma de buscar controle em um mundo que muitas vezes parece imprevisível e caótico para eles. Não é algo que eles gostam de fazer, mas sim uma necessidade que ajuda na regulação emocional e no controle diário, (Marques, 2024a, p.1).

Ou seja, de acordo com Marques, qualquer imprevisto que fuja do planejado pode desencadear crises de ansiedade ou estresse em pessoas autistas, justamente devido à rigidez cognitiva. Isso gera resistência a mudanças e uma reação negativa a situações novas, pois elas sentem que precisam manter o controle e a previsibilidade para se sentirem seguras.

Happé e Frith (2006), inclusive, explicam de forma mais coerente a teoria chamada “fraca coerência central”, sugerindo que indivíduos autistas tendem a processar as informações de maneira muito detalhista, priorizando partes isoladas em vez do todo. Essa característica pode trazer um comprometimento a generalização de habilidades, já que, ao codificar as experiências com foco excessivo nos detalhes específicos de cada situação, a pessoa pode encontrar dificuldades para aplicar aquele conhecimento em outros contextos que, embora semelhantes, não sejam idênticos. Ou seja, essa limitação nos reconhecimentos dos padrões globais e flexíveis está fortemente relacionada ao que se compreende como rigidez cognitiva, uma vez que a mente autista pode resistir a variações sutis, mantendo-se presa a estruturas fixas, rotinas ou interpretações literais. Dessa forma, dificultando para perceber relações amplas entre eventos ou em adaptar habilidades a novas circunstâncias, e isso é um dos fatores que mais impacta a autonomia social, educacional e emocional de pessoas no espectro autista.

Amadera (2023) afirma que, no subtópico B3, encontramos o critério diagnóstico de interesse fixo, restrito e intenso em algo específico, que pode ser um objeto incomum ou uma situação particular. No episódio 5 da segunda temporada, entre 01:21 e 02:36, Quinni demonstra um hiperfoco em uma situação envolvendo Amerie, que está sendo perseguida por um *stalker* apelidado de *Birdpsycho*. Quinni se dedica intensamente a investigar o caso, investindo toda sua energia nisso. A situação fica tão séria que os amigos dela chegam a se preocupar ao perceberem, no quarto de Quinni, uma parede coberta por elementos da investigação, mostrando o quanto esse foco se tornou importante para ela, como a figura 6 a seguir ilustra:

**Figura 6 - Hiperfoco de Quinni**



Fonte: *Heartbreak High* (2024)

Para Darren e Amerie, a situação já começava a parecer fora do comum. Inicialmente, Darren apoiou a ideia de Quinni, afirmando que aquilo a fazia feliz, mas, ao longo dos episódios, a personagem foi demonstrando um envolvimento cada vez maior, a ponto de todos os seus assuntos e ações estarem centrados naquele tema. Sá (2023, p.1) ressalta que “muito além de ser fã de algo, ter um hiperfoco pode prejudicar o desempenho em tarefas cotidianas”, pois por se tratar de um foco intenso e profundo, em algumas circunstâncias pode se tornar prejudicial.

Até este ponto da análise, observa-se que a personagem Quinni rompe com diversos estereótipos tradicionais associados ao TEA, especialmente ao apresentar traços como hiperfoco (Figura 6), dificuldades na leitura de expressões (Figura 2) e formas distintas de interação social (Figura 1), mas sem recorrer ao modelo Savant ou hiperracional. Além disso, o que se evidencia é uma construção mais humanizada da personagem, que permite ao espectador compreender suas limitações sem reduzi-la a elas. Essa abordagem está em consonância com autores como Sá (2023), Happé e Frith (2006), o manual de diagnósticos APA (2014), Baron Cohen et al. (2001), entre outros que indicam como os critérios do DSM-5 impactam na autonomia e percepção social das pessoas autistas. A seguir, a análise seguirá com aspectos mais subjetivos, como o mascaramento, a sensibilidade sensorial e o impacto

emocional da revelação do diagnóstico, aprofundando as discussões sobre identidade e representação.

No critério C do DSM-5, segundo a APA (2014), está estabelecido como obrigatório que os sintomas estejam presentes desde cedo no desenvolvimento. Embora a série não mostre Quinni na infância, o fato de ela se declarar autista já indica que possui o diagnóstico e, portanto, passou por esse critério.

**Figura 7 - Momento em que Quinni revela ser autista**



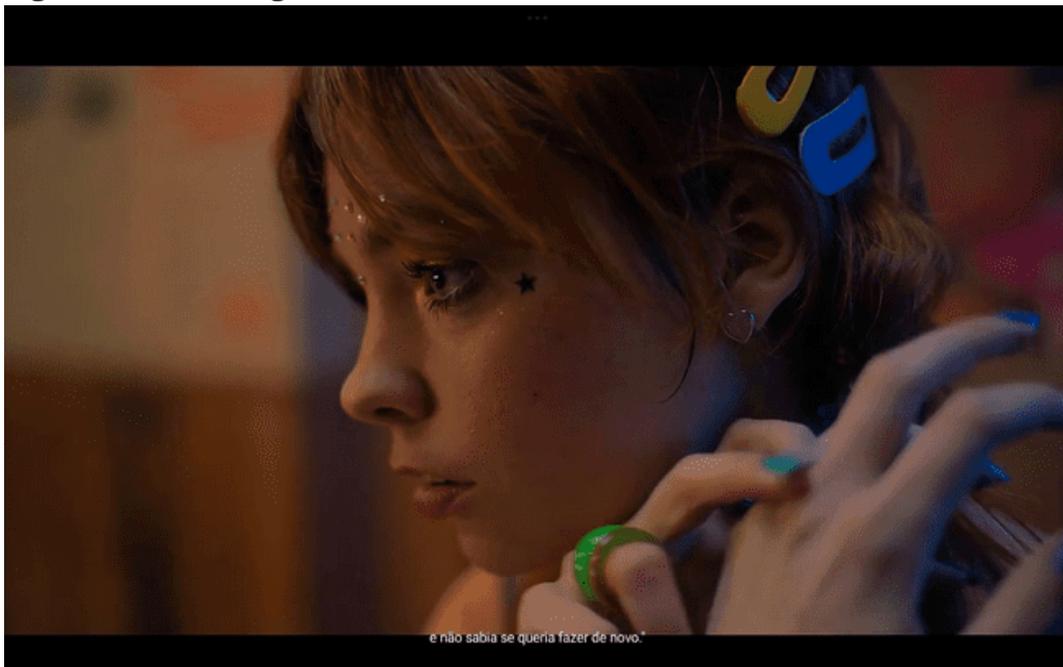
**Fonte:** *Heartbreak High* (2022)

Na imagem acima, no episódio 2 da temporada 1, entre 41:53 e 42:01, Quinni revela para Sasha que é autista dizendo: “Eu sou autista. Beleza?”. Até esse momento, os telespectadores também só descobrem essa informação junto com a personagem. Isso indica que Quinni atende ao critério C do DSM-5 (APA, 2014), que exige que os sintomas estejam presentes desde o início do desenvolvimento, confirmando assim seu diagnóstico de TEA.

Logo após Quinni revelar ser autista, Sasha demonstra não acreditar nela, dizendo: “Você não... Eu já conheci pessoas autistas. E você tem muita inteligência emocional.” Depois dessa fala, Quinni se afasta. Essa cena evidencia várias questões importantes sobre a compreensão do autismo na sociedade, que serão discutidas no decorrer da leitura.

Posteriormente, no critério D do DSM-5, a APA (2014) aponta que os sintomas do autismo causam prejuízos clínicos significativos no funcionamento social, profissional ou em outras áreas da vida da pessoa. Para ilustrar esse critério, temos uma cena do mesmo episódio, que antecede esta, entre o minuto 30:16 e 31:09, em que Sasha conversa com Quinni em um restaurante, mas Quinni demonstra dificuldade para se concentrar devido aos estímulos ao seu redor, como é possível ver na imagem abaixo:

**Figura 8 - Sobrecarga sensorial**



Fonte: *Heartbreak High* (2022)

Nessa cena, há vários elementos sensoriais: pessoas rindo, conversando, pratos batendo, Sasha falando com Quinni, luzes, músicas... Tudo isso acaba sobrecarregando-a, e ela entra em crise, começa a focar nos sons, não consegue ouvir nem manter sua atenção em Sasha, fica ofegante, ansiosa, estressada, mexe nos dedos sem parar, e Quinni sente tudo isso de uma forma mascarada, na qual Sasha apenas percebe sua falta de atenção e, sem saber que Quinni é autista, interpreta essa reação dispersa dela como desinteresse, olhando para ela como se fosse “estranha”.

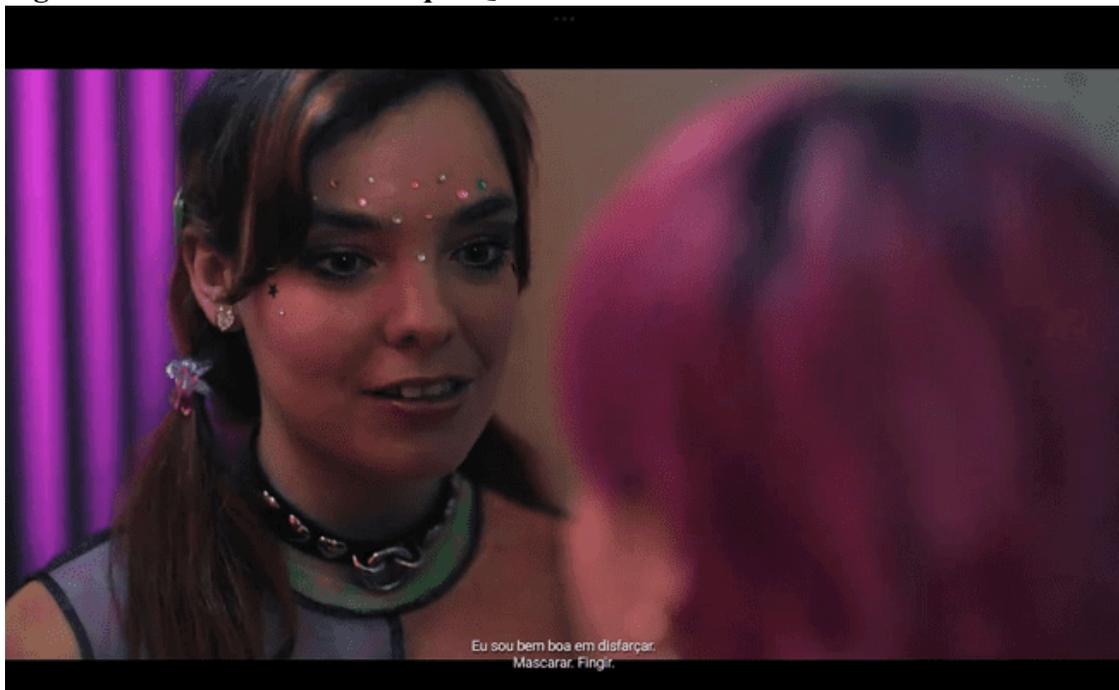
Quinni tenta se concentrar no que Sasha está dizendo, mas não consegue por causa da quantidade de estímulos. Essa situação ilustra, segundo a APA (2014), o critério D do DSM-5, em que os sintomas do autismo, como a hipersensibilidade sensorial, afetam diretamente a interação social, gerando estresse e desencadeando uma crise.

Robertson e Baron-Cohen (2017) enfatizam sobre diferenças sensoriais, como hipersensibilidade e hipossensibilidade, afirmando que são tão centrais ao autismo quanto os déficits sociais e comunicativos, estando agora incluídas nos critérios diagnósticos pela DSM-5. Os autores argumentam que cerca de 90% das pessoas no espectro experimentam essas diferenças, como sintomas sensoriais a gosto, toque, audição, cheiro e visão que afetam na capacidade de integrar informações sensoriais complexas em tempo real, o que, por sua vez, acaba interferindo significativamente na interação social cotidiana da pessoa autista.

Finalmente, o critério E do DSM-5 (2014) estabelece que essas dificuldades não podem ser explicadas por deficiência intelectual ou atraso global no desenvolvimento. Ou seja, para diagnosticar TEA, os desafios na interação social e os comportamentos repetitivos precisam ser específicos do transtorno e não resultado de limitações cognitivas gerais. A série não aborda diretamente seu nível cognitivo, mas suas falas articuladas, o interesse por temas complexos e sua capacidade de reflexão indicam que suas características autistas não derivam de uma deficiência intelectual, mas sim do próprio transtorno.

Na figura 9, é retratada uma cena ao longo da série que evidencia como a sociedade muitas vezes interpreta o autismo. Nesse caso, a situação é retratada na cena do episódio 2 da temporada 1, entre o minuto 42:01 e 42:22, como a imagem a seguir demonstra:

**Figura 9 - Sasha não acredita que Quinni é autista**



**Fonte:** *Heartbreak High* (2022)

Logo após Quinni revelar ser autista, Sasha pergunta como ela não percebeu antes, e Quinni responde que é muito boa em “mascarar” o autismo, dizendo, como observado acima: “Eu sou bem boa em disfarçar. Mascarar. Fingir.” Por isso, Sasha não reconheceu que Quinni era autista antes dela mencionar, por conta desse *masking*.

Em outras palavras, o “masking” ou “mascarar” é a habilidade que algumas pessoas autistas desenvolvem para esconder comportamentos e sintomas que são considerados atípicos. Embora Quinni tentasse se adaptar e se encaixar socialmente, ela não chegava a parecer completamente neurotípica, pois traços como seu jeito de falar, a rigidez cognitiva e as dificuldades em certas interações sociais eram perceptíveis. Esse mascaramento é mais frequente em mulheres autistas, o que facilita a camuflagem dos comportamentos típicos do TEA. Essa característica dificulta o diagnóstico no público feminino, pois as manifestações autistas podem ser menos evidentes à primeira vista. O mascaramento, como mostrado na série, não é algo absoluto. Mesmo quando a pessoa autista tenta se adaptar, esse esforço pode ser extremamente exaustivo (Caparroz, 2024).

De acordo com Rosa (2024), historicamente, as mulheres foram socializadas de maneira diferente dos homens: ao grupo de meninas, era oferecido mais brincadeiras de bonecas ou modelagem ou “correção” de comportamento de como agir em determinadas situações. Esse processo influenciou diretamente no desenvolvimento de estratégias como o *masking*, que é muito mais comum entre mulheres autistas. Por esconderem suas dificuldades sociais com mais frequência, muitas acabam sendo diagnosticadas apenas na vida adulta ou, em muitos casos, nem chegam a receber um diagnóstico. Freire e Cardoso (2022) abordam que há hipóteses de que, como mulheres são mais proficientes em “mascarar” ou “camuflar” os sintomas, poderia justificar esses subdiagnósticos.

No episódio 5 da temporada 2, entre os minutos 33:13 e 34:36, Quinni revela o quanto está desconfortável e sobrecarregada com as rápidas mudanças ao seu redor. Ela não consegue tempo suficiente para se preparar, evidenciando sua rigidez cognitiva. Durante essa cena, Darren comenta que “nem sempre o mundo segue as suas regras”, ao que Quinni responde que o mundo nunca seguiu as regras dela e que ela é obrigada a seguir as normas das pessoas neurotípicas, o que torna tudo muito cansativo para ela. Em resposta, Darren pede para ela parar, dizendo que ninguém está a impedindo. É então que Quinni se posiciona firmemente: “Vou parar. Chega de disfarçar, de fingir, de me preocupar se vou ser demais para alguém. Agora venho primeiro, começando agora” (*Heartbreak High*, 2024).

Após essa cena, Quinni deixa de tentar se encaixar no mundo neurotípico. Ela para de se preocupar se os outros vão se incomodar com ela, não se força mais a estar presente

quando, na verdade, não quer e se prioriza. Com essa mudança, seus amigos começam a perceber uma “estranheza” no jeito dela. No entanto, essa “estranheza” nada mais é do que Quinni sendo autista sem disfarces e sem mascarar suas características. Isso evidencia que a sociedade ainda não está preparada para acolher pessoas autistas como elas realmente são.

Conforme abordado anteriormente, Villano (2025) destaca que 70% das pesquisas sobre autismo focaram apenas em indivíduos do sexo masculino. Essa predominância contribuiu para o atraso e a dificuldade no reconhecimento do transtorno em mulheres. O capítulo reforça essa crítica, apontando que essa lacuna científica prejudicou muito o diagnóstico feminino. Ou seja, a afirmação de Villano (2025) nos mostra que o entendimento do autismo foi historicamente moldado a partir de experiências masculinas. Além disso, como os critérios diagnósticos foram desenvolvidos com base em estudos feitos majoritariamente com homens, não se criou uma compreensão clara de como o autismo se manifesta em pessoas do sexo feminino, gerando muitos subdiagnósticos, o que torna personagens como Quinni fundamentais para ampliar essa compreensão. Freire e Cardoso (2022) também afirmam que existem evidências encontradas para o fato de que há subdiagnósticos ou diagnóstico tardio no TEA em mulheres.

Por muito tempo, acreditou-se que o autismo era um transtorno que afetava majoritariamente meninos. Isso fez com que o diagnóstico fosse construído com base em características masculinas, levando à invisibilização de muitas pessoas do sexo feminino. Considerando a afirmação de Villano (2025) de que os estudos e diagnósticos se desenvolveram a partir de características masculinas, podemos compreender, em parte, a reação de Sasha ao duvidar do diagnóstico de Quinni. Provavelmente, sua percepção está ancorada em representações estereotipadas, que não se encaixam ao modo como Quinni se apresenta. Por isso, sua primeira resposta foi negar o que Quinni dizia. A fala de Sasha, logo após Quinni revelar ser autista, reforça essa visão distorcida: Sasha afirma já ter conhecido pessoas autistas e, em seguida, comenta sobre a inteligência emocional de Quinni — como se essa característica contradissesse o diagnóstico, revelando uma compreensão limitada e baseada em estereótipos.

O autismo ele não tem “cara”, segundo Happé e Frith (2020), O autismo é uma condição marcada por uma ampla heterogeneidade clínica e comportamental, o que implica que não existe um “rosto” ou perfil único que defina todas as pessoas autistas no espectro. Podemos compreender em Villano (2025) que, quando a sociedade amplia sua visão, começa a perceber o quanto a ideia de um “modelo único de autista” exclui e invisibiliza muitas pessoas, especialmente mulheres.

A série *Heartbreak High* (2022) apresenta elementos clínicos reais do autismo representados pela personagem Quinni de forma integrada à narrativa, demonstrando características alinhadas aos critérios do DSM-5-TR, como hipersensibilidade sensorial, dificuldades em interações sociais e padrões restritos de comportamento. É possível notar que a série também busca mostrar como Quinni tenta se adaptar socialmente para ser aceita, levando a crises e desgaste emocional. Estudos de Hull et al. (2020) e Lai et al. (2015) também reforçam a tese de que o “mascaramento social” — ou seja, o esforço consciente de imitar comportamentos neurotípicos — é mais comum entre mulheres, o que dificulta a detecção do autismo, contribuindo também para esse desgaste emocional.

Essa é uma questão raramente abordada na mídia, mas é bastante relevante para mulheres e pessoas de gêneros marginalizados no espectro, que frequentemente recebem diagnóstico tardio justamente por camuflarem suas características e dificuldades, como destacado por Villano (2025).

Nesse sentido, Quinni representa um avanço na diversidade e representatividade neurodivergente, especialmente quando atrelado à visibilidade de mulheres autistas. A série contribui também para desconstruir a imagem de representações simplificadas e estigmatizadas das pessoas autistas, oferecendo na mídia uma figura com quem outras pessoas neurodivergentes podem se identificar.

#### **4.1 Análise crítica dos personagens Sam Gardner da série *Atypical* (2017) e Shaun Murphy da série *The Good Doctor* (2017)**

Murray (2008) discute como o autismo é retratado na mídia contemporânea, analisando os estereótipos e preconceitos que se consolidaram ao longo do tempo. Segundo ele, essas representações culturais acabam influenciando diretamente a forma como as pessoas autistas são vistas e compreendidas pela sociedade.

Além disso, o autor aponta que há uma tendência a apresentar o autismo de maneira simplista ou exagerada, focando em características específicas que não representam a complexidade do espectro. Isso apaga a diversidade de vivências e experiências dentro do TEA, criando uma imagem limitada do que é ser autista. O autor critica essa visão reduzida e reforça a importância de construirmos representações mais autênticas e inclusivas, que consigam mostrar a pluralidade do autismo, contribuindo para uma maior compreensão social e para a quebra de estigmas.

Além da personagem Quinni, a mídia evidencia outros personagens que representam o autismo, como Sam Gardner, de *Atypical* (2017), e Shaun Murphy de *The Good Doctor* (2017), entre outros. No entanto, esses personagens, em específico o de *The Good Doctor*, não foram alvo de críticas por parte do público, por reforçarem estereótipos, apresentarem representações superficiais do espectro e pela ausência de personagens autistas do sexo feminino. Como já discutido por Murray: “o autismo, embora seja uma condição diagnosticável, não tinha um perfil público real; muitas crianças autistas ainda eram oficialmente rotuladas como "psicóticas" ou como sofrendo de "esquizofrenia infantil”” (Murray, 2008, p. 17. Tradução nossa)<sup>1</sup>.

Ou seja, por muito tempo, o autismo foi representado de forma equivocada pela mídia, contribuindo para um entendimento distorcido da população sobre o transtorno. Mittmann et al. (2023) e Hungerford et al. (2025) criticam e exploram as representações autistas na mídia que perpetuam os estigmas nas pessoas que estão no espectro.

Dentro desse contexto, é importante comentar sobre o personagem Sam Gardner, da série *Atypical* (2017).

**Figura 10** - Sam Gardner



**Fonte:** NETFLIX. *Atypical*. (2017).

---

<sup>1</sup> “Autism, though a diagnosable condition, had no real public profile; many autistic children were still officially labelled ‘psychotic’ or as suffering from ‘childhood schizophrenia’” (Murray, 2008, p. 17).

De acordo com Ribeiro (2021), a série foi lançada em 2017 e traz como protagonista Sam Gardner, um adolescente de 18 anos diagnosticado com TEA. A média de aprovação da série variou entre 66% e 87%, mas houve críticas, principalmente por parte de pessoas autistas, que apontaram a presença de estereótipos na representação do transtorno e a ausência de atores autistas no elenco. A pesquisa realizada por Ribeiro (2021) teve como um de seus focos entender se essa representação era satisfatória, a partir da percepção de pessoas autistas que assistiram à série.

O artigo de Ribeiro (2021), a partir das entrevistas realizadas, aponta tanto aspectos positivos quanto negativos na representação do autismo em *Atypical* (2017). Entre os pontos positivos, pessoas autistas se identificaram com a forma como a série retrata crises autistas, dificuldades sociais, hipersensibilidade auditiva e visual, além do sofrimento causado pelo *bullying* escolar, entre outros aspectos reais.

Por outro lado, também surgiram críticas em relação a exageros e dramatizações, como os hiperfocos do personagem Sam. Esses elementos estereotipados, apesar de aumentarem a visibilidade do autismo na cultura popular, acabam reforçando limitações e ideias simplistas sobre o transtorno. Outro ponto relevante foi a falta de diversidade na representação do TEA, especialmente no que se refere às manifestações do autismo em mulheres.

Os resultados mostram uma visão heterogênea sobre a série. Embora *Atypical* (2017) contribua para ampliar o debate sobre o autismo, a produção também evidencia a necessidade urgente de representações mais diversas e realistas. Isso reforça o que Murray já apontava ao destacar a tendência popular de retratar o espectro autista de forma simplista ou exagerada, ocultando a complexidade e diversidade das experiências autistas.

Na mídia popular, uma das representações autistas mais conhecidas é a do personagem Shaun Murphy, da série *The Good Doctor* (2017).

**Figura 11** - Shaun Murphy



**Fonte:** GLOBO. *The Good Doctor – O Bom Doutor*, (2017),

Segundo Kurchak (2024), a série foi uma das mais assistidas entre 2017 e 2018, permanecendo no top 30 durante grande parte de sua exibição. Kurchak, escritora e ativista da cultura autista, reconhece a competência da série, mas aponta uma frustração importante: a ausência de pessoas autistas tanto no elenco quanto na equipe de roteiristas.

Ela critica o personagem do Dr. Shaun Murphy, interpretado por Freddie Highmore, por parecer mais uma construção fantasiosa de alguém que não é autista sobre como seria ser autista, do que uma representação fiel e realista. Para ela, o fato de a série ter tido uma audiência tão alta torna preocupante, e até perigoso, que um conteúdo com tanto alcance perpetue imagens estereotipadas e distorcidas. O personagem, segundo Kurchak, é muitas vezes apresentado de forma caricata, sem refletir como as pessoas autistas geralmente percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

Nastas (2018), explica que a chamada “síndrome de Savant” se refere a pessoas autistas que apresentam habilidades intelectuais excepcionais. Murray (2008) também aborda esse tema em seu artigo, criticando a forma como a cultura popular cria uma “fascinação” pelo autismo, frequentemente atrelada à ideia do “gênio autista” ou “Savant”, como exemplificado no personagem Shaun Murphy, de *The Good Doctor* (2017). Além de estereotipado, como aponta Kurchak (2024), Shaun é retratado como um “gênio” com comportamentos que chamam atenção por serem considerados “excêntricos”.

Mittmann et al. (2023) destacam que a mídia de forma corriqueira retrata também o savantismo, reforçando representações negativas. Eles apontam que essas formas de mídia

podem ser particularmente prejudiciais, alcançando um público amplo. E Hungerford et al. (2025) também critica o fato de que pessoas autistas são frequentemente representadas de forma estereotipadas como traços savant ou infantilizadas.

Murray (2008) defende que esse tipo de representação pode atrair o público, mas distorce a compreensão do autismo, uma vez que essas características representam apenas uma pequena parcela das pessoas no espectro, e a maioria dos autistas não se encaixa nesse perfil. Isso contribui para o reforço de estigmas e mal-entendidos sobre o transtorno. Diante disso, observa-se a necessidade de abordagens mais inclusivas, que evitem narrativas centradas apenas em uma minoria e promovam uma visão mais ampla e realista do autismo na sociedade.

Kurchak (2024), ao final de sua matéria, destaca que uma das suas esperanças na mídia é a interpretação da atriz autista Chloé Hayden, que vive Quinni, uma estudante autista na série australiana *Heartbreak High* (2022). A atuação de Chloé tem sido considerada por vários de seus colegas escritores autistas como uma das representações mais fiéis e importantes de personagens autistas até o momento.

Portanto, a representatividade de Quinni em *Heartbreak High* (2022), especialmente quando comparada aos personagens Sam, de *Atypical* (2017), e Shaun, de *The Good Doctor* (2017), é fundamental tanto para a mídia quanto para a compreensão da sociedade em torno do TEA. A série traz uma abordagem mais realista e livre de estereótipos, ajudando a ampliar a compreensão social sobre o autismo. Ela mostra que o autismo vai muito além das imagens simplificadas e exageradas que costumam ser retratadas, revelando as múltiplas formas e experiências que compõem o espectro, as quais representam a maioria das pessoas autistas.

A representação de Quinni não é perfeita, nem abrange toda a complexidade do espectro. Contudo, é uma das personagens que, até agora, mais se aproximou da realidade da maioria das pessoas autistas, justamente por não ser uma caricatura e por mostrar outras vivências que raramente ganham espaço.

Além disso, o fato de Quinni ser uma mulher autista interpretada por uma atriz autista torna essa representação ainda mais autêntica e inclusiva. Isso contrasta com os personagens masculinos de *Atypical* (2017) e *The Good Doctor* (2017), interpretados por atores neurotípicos, reforçando a crítica à histórica invisibilização das mulheres autistas, tanto na pesquisa quanto na ficção. A presença de Quinni na mídia é um lembrete importante de que mulheres autistas existem e precisam ser representadas — e não apenas por meio de estereótipos caricatos. Representações como essa são essenciais para que o audiovisual e a

sociedade reconheçam a diversidade dentro do espectro, incluindo questões de gênero e a vivência autista para além dos modelos que mais frequentemente ganham visibilidade.

Em suma, a mídia tem um papel de grande importância na construção da imagem pública do autismo, porém muitas vezes reforça estereótipos ao representar pessoas autistas de forma exagerada, caricata ou simplificada. Como discutido por Murray (2008), essas representações culturais limitadas contribuem para uma compreensão distorcida da condição, apagando a diversidade de existência dentro do espectro. Personagens como Sam Gardner, de *Atypical* (2017), e Shaun Murphy, de *The Good Doctor* (2017), frequentemente reforçam a ideia do "gênio excêntrico" ou da "síndrome de Savant", podendo gerar um modelo único de autista e marginalizando autistas que não se encaixam nesse perfil.

Ademais, a ausência de representações femininas autistas e de pessoas autistas interpretando esses papéis contribui mais ainda para a invisibilização de grupos já negligenciados. Quando a mídia falha em mostrar a pluralidade que existe no espectro, ela contribui para estigmas sociais, diagnósticos tardios e falta de empatia e acolhimento com as reais necessidades da comunidade autista. Representações mais realistas e diversas, como Quinni em *Heartbreak High* (2022), são essenciais para promover compreensão, respeito e inclusão.

Em conclusão, análise das onze figuras selecionadas permitiu observar que a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022), incorpora diversas características compatíveis com os critérios clínicos e sociais do TEA, como dificuldades na leitura de expressões faciais, hipersensibilidade sensorial, rigidez cognitiva, dificuldade em normas sociais implícitas, padrões restritos de comportamento, sobrecarga emocional, hiperfoco e mascaramento social. Tais características foram analisadas à luz de autores como, Sá (2023), Happé e Frith (2006), Baron-Cohen et al. (2001), dos critérios diagnósticos do DSM-5 (2014), dentre outros. Diferente das representações anteriores, como *Atypical* e *The Good Doctor*, a personagem não é reduzida a um estereótipo único, como o gênio savant ou representações exageradas e caricatas, mas aparece como uma jovem autista que vivencia conflitos reais, sensoriais, emocionais e sociais de uma forma sensível e autônoma.

Sua construção narrativa apresenta nuances que rompem com padrões estigmatizantes, oferecendo uma representação mais humanizada, interseccional, feminina e empática, que contribui para ampliar o olhar da sociedade sobre a diversidade dentro do espectro autista. Essa síntese evidencia que *Heartbreak High* promove uma narrativa que dialoga com os avanços teóricos e clínicos contemporâneos, principalmente no que diz

respeito à visibilidade de mulheres autistas e à necessidade urgente de representações mais plurais e não estereotipadas na mídia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo geral analisar como a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022), contribui para a desconstrução de estereótipos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na mídia, com base em descrições acadêmicas e clínicas do espectro. Para alcançar esse propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Analisar como a série *Heartbreak High* (2022) representa o TEA através da personagem Quinni, com base em descrições clínicas e acadêmicas, destacando a importância da visibilidade de mulheres autistas na mídia; discutir estereótipos sobre o autismo presentes na literatura acadêmica e refletir sobre como essas ideias influenciam a percepção social do TEA e comparar a representação de Quinni com as representações de Sam Gardner (*Atypical*, 2017) e Shaun Murphy (*The Good Doctor*, 2017), analisando os efeitos dessas imagens na compreensão pública da diversidade dentro do espectro autista e destacando como a personagem Quinni contribui para a desconstrução desses modelos estereotipados.

Foi adotada uma abordagem qualitativa e exploratória, buscou-se compreender de que forma os elementos narrativos da série contribuem para a construção de uma representação mais realista, inclusiva e diversa do autismo, especialmente quando Quinni entra em contraste com outras representações da mídia popular, como Sam Gardner, de *Atypical* (2017), e Shaun Murphy, de *The Good Doctor* (2017).

Esta pesquisa apresenta algumas limitações que impediram o aprofundamento de certos aspectos. Embora a análise da personagem Quinni ofereça um retrato relevante do autismo feminino mais realista e livre de estereótipos, essa representação não pode ser generalizada para todas as pessoas no espectro, dada a diversidade das experiências autistas. Além disso, não foi possível investigar a recepção da personagem pelo público, especialmente por pessoas autistas, o que restringe a compreensão do impacto social real da representação. Tal dado seria essencial para avaliar esse impacto, mas está fora do escopo da metodologia adotada, que se fundamenta em uma abordagem qualitativa e exploratória, baseada em exemplos relevantes e na literatura acadêmica. A análise concentrou-se exclusivamente nos elementos narrativos e audiovisuais da série. Em suma, embora tenham sido feitas aproximações entre os comportamentos de Quinni e os critérios diagnósticos do DSM-5-TR, não foi possível abordar todos os critérios de forma profunda, já que se trata de uma obra de ficção e não de um estudo clínico.

Entretanto, na análise foi possível observar que a personagem Quinni apresenta diversas características que estão entre critérios exigidos pelo DSM-5 (APA, 2014), como

dificuldades de interação social, sensibilidade sensorial, rigidez cognitiva e hiperfoco. Essas características foram retratadas na série de uma maneira sensível e contextualizada, trazendo uma narrativa que respeita a complexidade existente dentro do espectro, sem reduzir a personagem a estereótipos. Quinni é representada como uma jovem autista com desejos, conflitos, afetos, empatia, criatividade e autonomia, rompendo com a forma caricata comum que é observada em muitas produções audiovisuais, que tendem a mostrar pessoas autistas como gênios excêntricos ou indivíduos sem emoção.

A representação do autismo na mídia, por muito tempo, baseou-se em estereótipos que pouco refletem a realidade da maioria das pessoas autistas. Personagens como Sam Gardner, de *Atypical*, e Shaun Murphy, de *The Good Doctor*, reforçam essa visão, apresentando um modelo de autista masculino, branco, com habilidades excepcionais, comportamentos considerados excêntricos e estereotipados. Essas características, como crítica Murray (2008), chamam a atenção do público, mas acabam sendo generalizadas como se fossem a única forma de existir dentro do espectro, contribuindo para a invisibilização de muitas outras pessoas autistas, principalmente mulheres que, devido à maneira como foram socializadas, aprendem a mascarar suas características.

A personagem Quinni, representada em *Heartbreak High*, contribui, portanto, para expandir o entendimento social sobre o autismo, evidenciando que o espectro é múltiplo, fluido e não pode ser reduzido a um modelo único de comportamento. Sua trajetória e a maneira que a personagem é construída convidam o público a refletir sobre o capacitismo cotidiano e em como é importante criar ambientes que respeitem e acolham a diversidade presente dentro do espectro autista. Quinni é autista, é mulher e é interpretada por uma atriz autista e isso, por si só, já traz uma autenticidade que falta em muitas outras produções. A maneira como ela é representada na série se aproxima muito mais da realidade da maioria das pessoas autistas do que das representações que costumam receber visibilidade.

Esta monografia além de cumprir com os objetivos específicos propostos, como a comparação com os critérios clínicos, a discussão sobre estereótipos e a análise comparativa com outras personagens, também se propôs a destacar o papel da mídia na formação da compreensão social. A maneira como determinados personagens autistas são representados, e que recebem a maior visibilidade do público, reflete e influencia diretamente na forma como a sociedade enxerga e trata as pessoas autistas. Representações que são limitadas e estereotipadas geram exclusão; por outro lado, representações autênticas, diversas e realistas geram empatia, transformação e inclusão.

Quando a mídia escolhe dar espaço a personagens como Quinni, contribui significativamente para ampliar a compreensão de que o autismo é múltiplo, tem diversas formas de se manifestar e que todas elas são válidas. A presença de Quinni em *Heartbreak High* não é apenas importante, ela é necessária. Pessoas autistas que não se enquadram nos estereótipos tradicionais existem; mulheres autistas, que historicamente foram e continuam sendo silenciadas tanto nos estudos sobre o autismo quanto na sociedade, também existem, e merecem ser representadas com todas as suas particularidades, desafios, realidades e formas de existir no mundo.

A crítica feita por Villano (2025) sobre essa ausência de mulheres nas pesquisas sobre autismo mostra o quanto essa invisibilização é estrutural e como ela afeta o diagnóstico, a compreensão e a inclusão de mulheres autistas na sociedade. Quinni, portanto, torna-se uma figura simbólica, e até mesmo política, representando não apenas um corpo neurodivergente, mas a quebra dos padrões dessas representações estereotipadas feitas na mídia. Freire e Cardoso (2022) também afirmam que existem evidências encontradas para o fato de que há subdiagnósticos ou diagnóstico tardio no TEA em mulheres.

Sendo assim, como resultado central da pesquisa, a personagem Quinni, da série *Heartbreak High* (2022), representa, para a comunidade neurodivergente e para a mídia, uma ruptura significativa nos estereótipos clássicos de autismo frequentemente encontrados no audiovisual, especialmente quando comparada a personagens masculinos como Sam Gardner, da série *Atypical* (2017), e Shaun Murphy, da série *The Good Doctor* (2017). Essas comparações reforçam a tendência da mídia em retratar pessoas autistas de maneira repetitiva, estereotipada e focada em homens brancos com habilidades excepcionais, excluindo outras vivências do espectro, especialmente a de mulheres autistas.

As análises feitas das cenas, falas, comportamentos e construção narrativa de Quinni evidenciam que a representação da personagem é mais autêntica e humanizada, dialogando com os critérios clínicos do TEA, baseados no DSM-5 de 2014, e características específicas do autismo feminino, como o mascaramento, que também é evidenciado na nova atualização do DSM-5-TR de 2022. Assim, Quinni contribui para visibilizar e desconstruir esses estereótipos e o apagamento histórico de estudos clínicos com mulheres.

Por fim, esta pesquisa reforça a importância de ampliar os estudos sobre representações autistas na mídia, especialmente aquelas que fogem ao padrão masculino e estereotipado. Ao dar visibilidade a outras formas de existência, o audiovisual pode contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente das

diversas formas autistas de ser no mundo. O ato inclusivo é um processo complexo, mas necessário, pois expressa o compromisso para a construção de uma sociedade mais justa.

Embora os estereótipos ainda persistam na mídia e na compreensão da sociedade, uma personagem como Quinni evidencia uma mudança necessária e urgente na construção de narrativas mais inclusivas. Sua representação não apenas desconstrói estereótipos, mas também abre caminhos essenciais para a valorização da diversidade existente no espectro do autismo.

## REFERÊNCIAS

AMADERA, Gustavo. Transtorno do espectro autista (autismo) – critérios diagnósticos – DSM-5. KIAI.med.br, 10 jul. 2023. Disponível em:

<https://kiai.med.br/transtorno-do-espectro-autista-autismo-criterios-diagnosticos-dsm-5/>.

Acesso em: 1 jun. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em:

[https://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM\\_V.pdf](https://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf). Acesso em: 1 jun. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. Fifth Edition Text Revision *DSM-5-TR*. 2022. Disponível em:

<https://www.appi.org/dsm-5-tr>.

ANGELIS, Luciana Oliveira de; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz. Transtorno do espectro do autismo (TEA): caracterização, diagnóstico e intervenção. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 22, n. 2, p. 108-125, jul./dez. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v22n2p108-125>. Acesso em: 31 maio 2025.

BARON-COHEN, Simon; WHEELWRIGHT, Howard; HILL, Sally; RASTE, Yogini; PLUMB, Ian. The "Reading the Mind in the Eyes" test revised version: a study with normal adults, and adults with Asperger syndrome or high-functioning autism. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 42, n. 2, p. 241–251, 2001a. Disponível em:

[https://docs.autismresearchcentre.com/papers/2001\\_BCetal\\_adulteyes.pdf](https://docs.autismresearchcentre.com/papers/2001_BCetal_adulteyes.pdf). Acesso em: 17 jun. 2025.

BARON-COHEN, Simon. Theory of mind in normal development and autism. **Prisme**, v. 34, p. 174–183, 2001b. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/238603356\\_Theory\\_of\\_Mind\\_in\\_normal\\_development\\_and\\_autism](https://www.researchgate.net/publication/238603356_Theory_of_Mind_in_normal_development_and_autism). Acesso em: 18 jun. 2025.

CAPARROZ, Leo. O que significa “masking” ou camuflagem social no autismo?

Superinteressante, 2 abr. 2024. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/comportamento/o-que-significa-masking-ou-camuflagem-social-no-autismo/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

FRANÇA, Beatriz; FRANÇA, Bernardo. A importância da invenção dos irmãos Lumière para a história do cinema. **Revista Galileu**, 28 dez. 2020. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/12/importancia-da-invencao-dos-irmaos-lumiere-para-historia-do-cinema.html>. Acesso em: 31 maio 2025.

FREIRE, Milson Gomes; CARDOSO, Heloisa dos Santos Peres. Diagnóstico do autismo em meninas: revisão sistemática. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 39, n. 120, p. 435–444, 2022. DOI: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GLOBO. The Good Doctor – O Bom Doutor. 2017. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/the-good-doctor-o-bom-doutor/t/kmF21xZbHk/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

HAPPÉ, Francesca; FRITH, Uta. The Weak Coherence Account: Detail-focused Cognitive Style in Autism Spectrum Disorders. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 36, n. 1, p. 5–25, Jan. 2006. DOI: 10.1007/s10803-005-0039-0. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-005-0039-0>. Acesso em: 15 jun. 2025.

HAPPÉ, Francesca; FRITH, Uta. Annual Research Review: Looking back to look forward – changes in the concept of autism and implications for future research. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, [S. l.], v. 61, n. 3, p. 218–232, 2020. Disponível em: [https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10091945/1/Frith\\_HappeFrith%20Changes%20in%20autism%20concept.Prefinal.pdf](https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10091945/1/Frith_HappeFrith%20Changes%20in%20autism%20concept.Prefinal.pdf). Acesso em: 18 jun. 2025.

HULL, Laura; PETERS, Harriet; HONG, Nicola; MASON, David; MANDY, William; PETERS, Ruth; WARD, Heather; VIECHTBAUER, Wolfgang; LAI, Meng-Chuan. Gender differences in self-reported camouflaging in autistic and non-autistic adults. **Autism**, v. 24, n. 2, p. 352–363, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1362361319864804>. Acesso em: 14 jun. 2025.

*Heartbreak High*: onde tudo acontece. Direção: Hannah Carroll Chapman. Produção: Fremantle Australia; NewBe. Austrália: Netflix, 2022. Série de TV. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81342553>. Acesso em: 11 abr. 2025.

KURCHAK, Sarah. Good Riddance to The Good Doctor. **TIME**, 23 maio 2024. Disponível em: <https://time.com/6981442/the-good-doctor-finale-autistic-representation/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

LAI, Meng-Chuan; LOMBARDO, Michael V.; AUYEUNG, Bonnie; CHAKRABARTI, Bhismadev; BARON-COHEN, Simon. Sex/gender differences and autism: setting the scene for future research. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 54, n. 1, p. 11–24, 2015. Disponível em: [https://www.jaacap.org/article/S0890-8567\(14\)00725-4/fulltext](https://www.jaacap.org/article/S0890-8567(14)00725-4/fulltext). Acesso em: 14 jun. 2025.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto.; FERREIRA, Jaques Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023141, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 1 jun. 2025.

LOUZADA, Jamile Bugine Reis dos. Autismo através dos séculos: uma análise histórica do desenvolvimento deste transtorno e seu impacto na sociedade. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 11, p. 1–32, 2024. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/autismo-atraves-dos-seculos-uma-analise-historica-do-de-senvolvimento-deste-transtorno-e-seu-impacto-na-sociedade>. Acesso em: 31 maio 2025.

MARQUES, Isabela. O que é rigidez cognitiva no autismo? Saiba o que isso significa e o que fazer. **Genial Care**, 5 nov. 2024a. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/rigidez-cognitiva-no-autismo/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MARQUES, Isabela. *Heartbreak High*: série com representatividade autista. **Genial Care**, 12 abr. 2024b. Disponível em:

<https://genialcare.com.br/blog/heartbreak-high-serie-representatividade/>. Acesso em: 11 abr. 2025

MITTMANN, Gloria; SCHRANK, Beate; STEINER-HOFBAUER, Verena. Portrayal of autism in mainstream media – a scoping review about representation, stigmatisation and effects on consumers in non-fiction and fiction media. **Current Psychology**, v. 43, p. 8008–8017, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12144-023-04959-6>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MURRAY, Stuart. Representing autism: culture, narrative, fascination. Liverpool: Liverpool University Press, p. 1-238, abr. 2008.

NASTAS, Bruna. The Good Doctor: neurologista explica síndrome de Savant, vivida pelo personagem Shaun Murphy. CARAS, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://caras.com.br/bem-estar/the-good-doctor-neurologista-explica-sindrome-de-savant-vivi-da-pelo-personagem-shaun-murphy-tv-globo-serie.phtml>. Acesso em: 24 maio 2025.

NETFLIX. *Atypical*. 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117540>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Autism spectrum disorders. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em: 11 abr. 2025.

ORM, Sarah; O'DWYER, Siobhan; ROTH, Narelle; HAGAN, Róisín; SIZEMORE, Brooke; PROUD, Megan; FITZGERALD, Max; JOHNSON, Rebecca. Improving media representation of autism: what autistic people want. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39913900/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

ORM, Stian; DEAN, Michelle; FLETCHER-WATSON, Sue; NORDAHL-HANSEN, Anders. Representations of autism in television: An exploration of stakeholder perspectives on authenticity. **International Review of Psychiatry**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 171–179, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36947930/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477–509, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2025.

PORTAL DO TEA. Níveis de suporte: entenda a classificação do autismo de forma clara. Portal do TEA, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://portaldotea.com.br/niveis-de-suporte-entenda-a-classificacao-do-autismo-de-forma-clara/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

RIBEIRO, Helen Marinho Rodrigues. Vozes do espectro: documentário sobre identificação e satisfação de autistas com a representação do autismo na série *Atypical*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/29682>. Acesso em: 1 jun. 2025.

RIOS, Clarice; ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 53, p. 325–336, 27 fev. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/jkNFyTCb3kGM7bxxYRpL37M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2025.

ROBERTSON, Caroline E.; BARON-COHEN, Simon. Sensory perception in autism. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 18, n. 11, p. 671–684, 2017. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/320085064\\_Sensory\\_perception\\_in\\_autism](https://www.researchgate.net/publication/320085064_Sensory_perception_in_autism). Acesso em: 17 jun. 2025.

ROSA, Nathalia Aline Lemos da. Mulheres autistas e diagnóstico tardio: um estudo sobre juventudes de mulheres autistas e ocorrências de subdiagnósticos. **Revista Contraponto**, Porto Alegre, v. 11, p. e143784, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2024143784-pt>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SÁ, Clarisse. Hiperfoco no autismo. *Autismo e Realidade*, 18 set. 2023. Disponível em:

<https://autismoerealidade.org.br/2023/09/18/hiperfoco-no-autismo/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SALVADOR, Larissa Royer. A representação do autismo na mídia: os discursos produzidos. 2019. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212655>. Acesso em: 31 maio 2025.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. Disponível em:

<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SILVA, Walison Fernando. Linguagem cinematográfica: conceitos básicos. *Medium*, 7 mar. 2016. Disponível em:

<https://medium.com/@walisonfsilva/linguagem-cinematogr%C3%A1fica-conceitos-b%C3%AAsicos-5d559813ecdc>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SOARES, Vinícius Lacerda Gomes; BRITO, Lucelmo Lacerda de. Autismo no DSM-5-TR: o que mudou?. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 9, p. e9313946866, 2024.

Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/46866>. Acesso em: 31 maio 2025.

VILLANO, Matt. Estudo revela como diagnóstico de autismo falhou com mulheres e meninas. *CNN Brasil*, 2 abr. 2025. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/estudo-revela-como-diagnostico-de-autismo-falhou-com-mulheres-e-meninas/>. Acesso em: 11 abr. 2025.